



Fraternidade Leigos Cavanis

Casa do Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS

Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MONASTÉRIO INVISÍVEL - 02.10.2023

Caros amigos!

Estou relendo, enquanto preparo nosso instrumento de oração, as belas páginas que Mateus dedica ao relato da missão dos doze, do final do capítulo IX ao v. 8 do capítulo seguinte. Jesus revela-se mais uma vez na compaixão: “Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9, 36). O que oprime essas ovelhas não é apenas o cansaço ou a miséria; é, sobretudo, a ausência de alguém para cuidar delas. Elas não têm um pastor capaz de tomar conta de seu cansaço, de levá-las a pastagens nutritivas e repousantes. Além disso, não há ninguém que reúna o rebanho e o mantenha em unidade. A exaustão dessas ovelhas decorre de sua própria dispersão.



Por trás de seu cansaço, podemos, portanto, vislumbrar uma necessidade de relacionamento que permanece decepcionada; ninguém se preocupa em reuni-las, tecendo laços reais. É a necessidade de uma relação como a evocada por Paulo na Carta aos Romanos: “Deus mostra o seu amor por nós no fato de que, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós”.

*Esse amor compassivo sempre gera um chamado e um envio. Deus ama-nos, mas não nos guarda para si, como o nosso amor é sempre tentado a fazer, quando permanece enredado no seu egoísmo e nas suas visões individualistas e solitárias; o amor de Deus, por outro lado, confia-nos aos outros, para que também eles, através de nós, percebam o mesmo olhar de ternura e compaixão. É um traço típico da visão de Mateus. A compaixão de Jesus desperta da responsabilidade dos discípulos. A compaixão de Jesus gera o empenho dos discípulos e gera o seu envio em missão. A essas ovelhas dispersas Jesus dá pastores. Esses doze homens não são nada para a vastidão da colheita. “A colheita é abundante, mas há poucos trabalhadores...” (Mt 9,37). Jesus, porém, envia-os e pede-lhes que rezem para que o Pai “mande trabalhadores para a colheita” (v. 38). A desproporção entre o número de trabalhadores e a vastidão da colheita não é apenas um problema dos nossos dias. Sempre foi uma verdadeira realidade, desde o início da missão. É uma desproporção necessária, constitutiva da própria missão, para que ela seja vivida na lógica da cruz e da entrega a Deus, e não na confiança nos próprios recursos e possibilidades. Também por isso a oração é necessária: não só para que Deus envie outros trabalhadores, mas para que aqueles que já estão trabalhando na messe possam viver seu compromisso confiando em Deus e não em si mesmos. Gosto de ler neste horizonte uma parábola que nos diz respeito como **FLC**; uma palavra capaz de nos ajudar no cansaço do nosso caminho e de nos dirigir para as fontes da nossa identidade espiritual e carismática. Que o Senhor nos ajude a recuperar o sentido da nossa missão e a redescobrir as razões de um caminho que empreendemos livremente com a forma solene de uma promessa pública.*

Do Evangelho segundo Mateus (Mt 9, 36 – 10, 8)

Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. Então Jesus disse a seus discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos! Por isso, peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita.” Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar os espíritos impuros, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade. São estes os nomes dos Doze Apóstolos: primeiro Simão, chamado Pedro, e seu irmão André; Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi o traidor de Jesus. Jesus enviou os Doze com estas recomendações: “Não tomem o caminho dos pagãos, e não entrem nas cidades dos samaritanos. Vão primeiro às ovelhas perdidas da casa de Israel. Vão e anunciem: ‘O Reino do Céu está próximo’. Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça, deem também de graça!

P. Diego Spadotto, *Educar os jovens em comunidades educativas*, 13.07.2023, em www.cavanis.org

A dimensão comunitária da formação dos jovens é um critério de verificação da missão educativa. A tentação de prosseguir como franco atiradores protagonistas, está sempre à espreita. Cada comunidade Cavanis é sujeito ativo na educação da mente e do coração da juventude, seja qual for o ambiente pastoral e sua função.

A missão educativa não é entusiasmo epidérmico. É um serviço de humildade e gratuidade, não é tranquilidade pessoal estática e cansada.

É uma ajuda para não se fossilizar, resgatada da inquietude, favorece o trabalho na sinodalidade e na gratuidade, nos caminhos tortuosos e difíceis da atual pastoral juvenil por um mundo de todos irmãos e solidariedade responsável. Diz-se que para fazer uma criança crescer bem é preciso um "povoado", por isso, para formar a juventude é preciso uma comunidade educativa de testemunho e coerência de vida. Educar não é transmitir uma ideologia.

É aceitar o risco desestabilizador de buscar coerência. Os destinatários da educação não são apenas as jovens, mas os próprios educadores que se educam para educar. (...) A expressão "formar-se juntos" implica trabalhar o discernimento, o respeito aos papéis, para que a dinâmica educativa convide a uma redescoberta do valor e da beleza das relações e das novas formas de comunicação. A cultura expressa pelas ideologias dominantes de posse e sucesso, do poder da inteligência artificial, não dá liberdade, corre o risco de desestabilizar o ser humano em nome do progresso, as diferenças são anuladas, as vidas dos povos são eliminadas, as religiões e culturas são abolidas, para convergir em uma homologação que coloniza. Nesse cenário, em que todos parecem anestesiados, é fácil descartar os mais fracos e as minorias, não favorecer a igualdade de oportunidades para chegar juntos. Nesse contexto, qual é a tarefa dos Cavanis?

A educação Cavanis é “um lugar onde o pensamento nasce, cresce e amadurece, aberto e sinfônico”, nas relações que cultivam o transcendente, a sociedade, a história, a criação. Ela visa a formação integral da pessoa humana, o bem da comunidade humana, o cultivo do espírito e das faculdades da admiração, da intuição, do discernimento e do sentido religioso, ético e social.

Na escola Cavanis, fé e ciência trabalham de forma independente e em harmonia por um mundo mais humano, por um conhecimento ligado ao amor relacional, aberto, concreto e comunitário, corajoso e construtivo.